



## BENGUELA

# Caminhar com o povo

**A**NTES de me sentar para redigir estas notas, dei um salto à varanda da casa-mãe. Fui inspirar-me na vida que se respira à volta da Casa. Dei com os olhos no salão de festas onde a Eugénia, uma menina estagiária do curso de educadora social, está ocupada com seis dezenas de crianças, da primeira fase da primeira infância, filhas das trabalhadoras do campo. Doutra modo, ficariam abandonadas. As mães, ao nível social em que se encontram, pouco mais têm para lhes dar que o leite a correr, aos pingos, dos seus peitos e a ternura que o enriquece. Pouco mais, digo, que algumas nem leite.

Quanta felicidade me dá este serviço! Sim, porque vejo as mães felizes. Porque vejo a Angola nova a nascer. As mães querem ser ajudadas. Caminhar com o povo é a forma mais digna de o ajudar. Hoje, de manhã, um grupo de rapazes comandados pelo Dito andaram a limpar um lugar provisório, onde vai funcionar o infantário. Queremos aproximar-nos mais da raiz, o mais possível. É que, às vezes, cuidamos da rama, das folhas, mas o mal está na raiz. Assim acontece com as pessoas e os seus desvios. O mal vem da raiz. Por aí gostamos de começar, tanto quanto possível. É provisório? Deixá-lo. Agora podemos fazer algo mais? Façamos. Aproveitamos os meios que agora temos, a Eugénia,

sobretudo. E quando ela se for, no fim do estágio? Veremos.

Muitíssimo mais há que fazer. Os chamados valores humanos mais comuns andam de rasto. Acredito na força do fermento que permanece intacto. Acredito no seu dinamismo. É uma minoria? Vamos trabalhar nessa minoria que há-de renovar Angola. Estamos lá.

Os rapazes que ora temos não-de ser fermento duma sociedade nova, também. Eles vão sabendo. A força da degradação social é muito grande. É uma luta de todos os dias. Sem cessar.

Acabei de descer, agora mesmo. Mais um caso de roubo de dinheiro a gente vizinha. Um pequeno dos nossos foi o autor. Ele veio da rua. Muito pouco dotado para a escola, mas aprendeu muito na escola da rua. É uma das chagas da nossa Casa. Muito já foi feito, acredito. Mas o alicerce ainda não está bem firme. Isto nos dá vontade de continuar a trabalhar.

Julgo não exagerar se disser que a maioria das crianças está em contacto directo com esta degradação social, sem ter quem lhes dê a mão. É necessária uma autêntica frente unida de todas as forças vivas para estancar a derrocada. É que a Angola do futuro está nas mãos desta geração.

A Casa do Gaiato é uma gotinha d'água. Quem dera que a nível de

centros, a nível de paróquias ou de bairros, algo mais se fizesse para evitar que as crianças que estão na rua se façam crianças da rua. Ao menos esse grupo, muito numeroso, merecesse tanta atenção quanta fosse possível. Bem sei quão difícil é. Mas não é impossível fazer-se algo. Os problemas são grandes, sei. O maior problema, a meu ver, está na falta de uma ou outra pessoa disponível a cem por cento, para dar o pontapé de saída. Parece-me, também, que está em causa a sensibilidade afectiva para que efectivamente se avance. É que, sem aquela, em campo tão sensível como o da criança, não se vai além.

O mesmo se diga das meninas. Se o problema dos rapazes da rua é muito grave, o das meninas não é menor. Pelo contrário, tem aspectos mais delicados e mais graves. Algumas meninas, ainda com família, já adolescentes e crescidas, têm vindo pedir-me que fazer. Conversamos e dou conta que nem escola nem qualquer tipo de formação humana passaram pelas suas vidas. Pobres raparigas! O próximo passo é ser mães... sem mais nada. Aflige-me esta situação porque as vejo diminuídas e mães dos filhos da rua. Sei como fazer alguma coisa, pelo menos, mas faltam as pessoas.

Paciência!

Padre Manuel António

## CALVÁRIO

# Ritmo lento

**A** Natureza viva tem leis e ritmo correspondente de crescimento. Alterá-los é perigoso. O fruto mais nobre da Natureza, o Homem, deve pois ser respeitado desde o começo, no seu crescimento físico e no amearhar de conhecimentos. À medida que ele avança no tempo do seu viver, devem-lhe ser fornecidos, saudáveis e gradualmente, a energia e o saber.

Felizmente que hoje o ensino pré-escolar começa a generalizar-se. Vem depois o ensino básico a que se seguem o preparatório e o secundário. E quem for capaz entra nos Institutos e nas Faculdades.

Mas cada etapa requer a anterior. Não se pode atropelar a caminhada. É uma sedimentação necessária o sobrepor de aquisições.

Há, no entanto, quem não seja capaz de progredir como a maioria. A sua capacidade mental é diminuta. Introduzi-lo no percurso dos normais e esperar que ele avance é utopia. Tem de ser respeitado o ritmo lento do seu progresso.

Hoje, na Escola, dita «Inclusiva», que toda a gente é obrigada a frequentar, as crianças menos capazes vão subindo na escolaridade e, às vezes, chegam mesmo ao ensino preparatório sem a mais pequena parcela de saber escolar.

— Que horas são no teu relógio? — pergunto a um rapaz de treze anos, chegado a nossa Casa com a frequência da sexta-idade.

— Ah, isso ainda não sei!

Não avançar mesmo sem saber nada causa traumas psicológicos dizem os «entendidos».

Anda-se assim a enganar as crianças, dando-lhes certificado dum ensino que eles não possuem.

O Ensino Especial foi em tempos substituído pelo ensino Normalizado, a que se seguiu o Inte-

Continua na página 4



Vieram de noite dois rapazes. Sentados à porta do nosso refeitório, deram-me a impressão de que esperavam este sol...!

# Malanje

25/5/99

*Falta de sensibilidade e de fraternidade*

15/5/99

*O sol é de todos!*

Entrou o cacimbo  
Nem uma nuvem no céu  
tudo azul!  
O sol surgiu  
na linha do horizonte  
e inundou o planalto  
e suas colinas.  
Um banho de luz!  
Mas não vou esquecer  
os milhares de estrelinhas  
na noite escura...  
E nas almas aflitas,  
em cada hora,  
a fome e segura.

**P**RECISAMENTE, vieram de noite dois rapazes. Sentados à porta do nosso refeitório, deram-me a impressão de que esperavam este sol. Os nossos saíram depois do leite e do pão... O sol é de todos! Leite e pão, nesta noite de fome, é de poucos, muito poucos...

Neste dia tão bonito!, as caras encapuçadas dos dois rapazes marcam o último degrau da sua desnutrição. Vamos acudir.

Na última guerra, a Cooperação Portuguesa mandou-nos uns contentores de leite. Seria tão oportuna a repetição deste gesto...! Amén.

**P**ÃO e circo — diziam os Romanos... Em Luanda só circo! Muitos anúncios, na televisão e na rádio, de bailes, cantatas e diversões, enquanto nas províncias a guerra com todos os seus horrores: combates, bombas que matam e, nas estradas, pessoas e carros carbonizados.

Triste, muito triste a nossa falta de sensibilidade e de fraternidade com a morte e a dor dos irmãos. Somente se, os que bailam!, não estejam informados sobre os que vão morrendo e sobre o já incalculável número de pessoas famintas e carentes.

Padre Telmo

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**TUBERCULOSE** — Uma característica da nossa acção é acudir aos gemidos dos doentes, aos encargos da própria doença.

Ela está à nossa frente, muito triste, com os olhos húmidos. A face esmagada. E as pernas são um fio!

— Sofro de tuberculose...

Era (é...) a doença da fome.

E avançamos: — O dinheiro não lhe chegará para a farmácia!?

— Não chega, não senhor!

Quer saber? Estava com vergonha de lho dizer: a renda da casa custa-nos trinta contos, e o meu home só ganha o salário mínimo... Daqui por uns meses vou sofrer ainda mais: o filho que nos deita a mão já trabalha, mas vai prà tropa e, depois, o dinheiro da gente não chegará prò aluguer...!

Não é caso raro, em nossos dias. Multiplicam-se pelo mundo fora, onde menos se espera.

Por agora, demos à mulherzita, à moda de um cartão de crédito, uma requisição prà botica. E, entretanto, vamos procurar acompanhar mais e mais esta cruz, até quando Deus quiser.

**O DOM DA VIDA** — Eis um naco duma nota pastoral de um Franciscano, nosso Amigo, o Senhor Bispo de Viseu e Presidente da Comissão Episcopal da Família:

«(...) Num ano dedicado especialmente aos nossos irmãos mais velhos, pareceu oportuno centrar a nossa reflexão sobre a vida, vendo-a no que ela é: um dom gratuito de Deus. Dom de Deus sempre e para todos, e em todas as idades, em cada momento, em cada manhã. Dom de Deus nos pequeninos, no seio da mãe. Dom de Deus em cada homem, em cada mulher. Dom de Deus em todas as situações que envolvem ou podem envolver a vida. Situações de saúde, de alegria, de boa disposição. Situações de doença, seja ela qual for, de sofrimento, de limitações, de idade mais avançada, de menos consciência, de menos capacidades.

Os dons que possuímos são sempre uma expressão de amor, do amor que Deus nos tem, ainda que por vezes não o entendamos bem. Expressão do amor que Deus tem a quem os recebe e também porventura a outras pessoas.

A vida é um desses dons, possivelmente o mais importante que temos. Enquanto houver vida, aí está sempre Deus que ama e nunca ninguém poderá arrogar-se o direito de dizer que se trata de uma vida sem sentido. Não o pode dizer a própria pessoa. Muito menos outras pessoas, sejam elas quem forem. Há momentos na vida que podem ser alguns minutos, talvez segundos de vida que têm

valor de eternidade, para a própria pessoa ou então para outrem que está aí, ao lado. Não esqueçamos nunca o mistério que vai numa pessoa que vive.

Os dons de Deus, por outro lado, merecem sempre um respeito sagrado, como o merece o próprio Deus. A vida humana está sempre para além de toda e qualquer pessoa. O Concílio Vaticano II fala da vida humana em termos de propriedade divina. Deus é o Senhor da vida (GS 51).

Podemos e devemos envolver a vida humana da maior qualidade possível. É um dos direitos humanos que toda e qualquer pessoa leva consigo. Acompanha-a um tal direito em todas as fases da sua vida, em todas as idades. É um direito a respeitar sempre. Mas, para além disso, é uma consequência do respeito que devemos a essa dimensão de divindade que vai em toda a pessoa que vive.»

**PARTILHA** — Assinante 24059, de Valbom (Gondomar): «Mais uma vez, o nosso Deus deu-me o privilégio de visitar a Obra do Padre Américo. Oportunidade para olharmos para dentro de nós e manifestarmos ao Senhor gratidão por tudo que em nós realizou ao longo da nossa vida. E há tantos irmãos nossos vivendo situações de miséria, de doença! É altura de partilhar com eles aquilo que o Senhor vai pondo em nossas mãos. Por isso, junto uma pequena oferta (dez mil escudos) para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus.»

O assinante 19148, do Porto, agora viúvo, sente a solidão e pede ao Senhor a graça de aceitar, partilhando com os mais carecidos «a pequena contribuição para a farmácia, procurando assim minorar o sofrimento de tantos Pobres».

Mais quinze mil, da assinante 14493, também do Porto: «Tenho de me ausentar para as terras, apresso-me a enviar o habitual contributo, referente ao mês de Junho».

Presença da assinante 67577, de algures, que pede «o anonimato desta e de futuras cartas». Cumprimos.

Mais cinco mil, por cheque, da assinante 27546, do Porto, «para os vossos Pobres». Fernanda, de Espinho, dez vezes mais, com absoluto anonimato.

Assinante 57002, da Senhora da Hora, «pequena migalha relativa a Maio e Junho. É sempre com muita confiança em Jesus que espero a minha, junta a outras, possa de alguma forma minorar o sofrimento dos Pobres». Generosidade total!

Vinte mil, de Coimbra, do assinante 9708, para que não falte o «tratamento à Viúva carenciada que gasta, com os remédios, quinze contos por mês. Se for preciso, voltarei breve». A carta refere o Salmo 15: «Feliz o homem que tem por auxílio o Deus de Jacob, que põe a sua confiança no Senhor».

Cinco mil, do assinante 8296, de Lisboa, para a Viúva; e mais quinze, da assinante

25853, do Porto, idem. E outros quinze, da assinante 35019, da Capital, para «a pobre Viúva de quem falam n'O GAIATO, que gasta cerca de quinze contos por mês em medicamentos».

Elas, as Viúvas, estão no coração dos nossos Leitores!

Três mil, de Setúbal, pela «Avó dos cinco netinhos».

Dois mil, da assinante 24851, «para os mais carenciados, por uma intenção particular».

Setúbal: cinco mil da assinante 23311

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## MIRANDA DO CORVO

**FESTAS** — Já acabaram! Nós tivemos orgulho de mostrar aquilo que somos capazes de fazer.

A todos os palcos a que fomos, a plateia estava quase cheia. Os nossos Amigos enchem as salas para nos verem actuar.

As nossas Festas não são um espectáculo de artistas, mas uma festa simples feita com muita alegria e dedicação.

**ESTUDO** — O terceiro período já acabou. O que falta fazer são as provas globais.

Para outros, ainda faltam alguns dias para o terceiro período chegar ao fim.

Uns estão melhores do que os outros, embora pudessem ter-se esforçado mais um bocadinho.

**AGRICULTURA** — A batata e o milho estão semeados e crescem rapidamente. Agora, temos que arrancar a erva para crescerem com maior rapidez e maior liberdade.

**DESPORTO** — Sem termos adversários, continuamos a executar jogos entre os estudantes do Lar de Coimbra e os companheiros de Miranda do Corvo.

Com a falta de adversários estes jogos servem para nos divertirmos.

**OBRAS** — A nossa fonte está praticamente acabada. Só falta pôr os azulejos na parte detrás. Mesmo assim, ela está muito bonita e tem um tanque com água muito azulinha; é parecida com uma piscina!

O telhado que estava a ser construído nos nossos barracões da lenha também já está executado.

João «Pequeno»

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Junho, 65.850 exemplares.

## TOJAL

**CASAMENTO** — Em 29 de Maio casaram o Fontes e a Vera.

Um dia de festa grande, cá em Casa. É um dos mais velhos, sinal de que a Obra da Rua tinha desempenhado convenientemente a sua missão. O Fontes veio menino, com a sua carinha laroca, irrequieto, alegre; e, como todos os miúdos, senhor das sua tropelias. Foi crescendo e sendo amado no seio desta família e passando por aquelas idades problemáticas, onde a figura paternal dos rapazes, na altura, mais velhos e de outras gentes que, incógnitos, ousam dedicar-se-lhes, tem reconhecida importância na edificação da sua personalidade.

Tive o privilégio de o conhecer, de o ver crescer e de me tornar seu Amigo. Não sei se lhe servi de exemplo, nem se me escutou em algumas das nossas muitas conversas. Sei, isso sim, que foi com imenso prazer que observei a sua evolução e o vi tornar-se homem responsável, quer em nossa Casa quer fora de portas e da nossa protecção. O seu namoro com a Vera é disso testemunho, entre muitos outros que aqui se poderiam relatar.

A azáfama do casamento do Fontes iniciou-se uma semana



Casamento do Fontes e da Vera

antes. Havia que preparar o pavilhão — os convidados eram muitos. Logo à partida, 150; depois, havia ainda alguns antigos gaiatos (que o noivo resolveu convidar), os familiares e os restantes convidados. Enfim, muitíssima gente que era preciso sentar num espaço amplo.

O Sela tirou férias para ajudar e comandou os preparativos para o repasto e a elaboração do dito. Todos trabalharam para que tudo corresse pelo melhor e com alegria posta nas tarefas que a cada um coube, reflectiu-se na decoração da sala e das mesas fartas.

Tudo estava um primor e mereceu elogios de alguns entendidos nestas andanças.

Para começar o dia, as fotografias com o noivo, ainda solteiro. Depois, a cerimónia religiosa (*Que a capela seja o centro da comunidade*). Finalmente, a boda com o Fernando Espírito Santo a tocar órgão.

Entretanto, fui abordado por um miúdo: — *Fernando, compram-me uma fotografia?* — Sim, disse. Quis ficar com uma, onde só apareciam o Fontes e a Vera. E todo ele respaldava de alegria.

O Fontes deixa, aqui em Casa, grandes amigos a quem dedicou tempo e amor. Recebeu e deu para que os que agora iniciam a sua caminhada entre nós, possam seguir-lhe o exemplo.

Fernando S. S. Pinto

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — RECEBEMOS — De A. S. R., «pequena ajuda, dez contos, para um caso mais urgente. Que Deus continui a dar muita força e coragem para prosseguirem na vossa difícil tarefa vicentina».

Lisboa, 5.000\$00: «Deus vos dê vida longa e muita saúde para poderdes prosseguir na vossa caminhada. Ao enviar este donativo, brotou do meu coração a seguinte quadra: 'O mundo rindo e cantando / e indiferente, ali passa; / e não vê os que, chorando, / vivem na miséria e na desgraça».

Peniche (Ferrel), 15.000\$00. Assinante 10770, 2.000\$00. Anónimo, 5.000\$00. De um ou uma amiga, 2.000\$00: «É muito pouco, mas com muito amor».

Assinante 6313, 20.000\$00: «Gasta-se tanto dinheiro mal gasto e para os que vivem numa condição sub-humana, sem uma casinha de jeito, ninguém os olha com olhos de ver».

De Fiães, uma lindíssima carta: «Junto um cheque de quinze contos, pequenina ajuda para as vossas visitas aos necessitados. É pouquinho, mas outras ajudas vão chegar. Que Deus vos ajude e dê força e coragem para não desanimarem».

Como esta Amiga, outros nos encorajam e dão ânimo para não pararmos!

«Nós somos todos feitos de amor, para amar. Cada um de nós é um milagre de amor, do amor infinito de Deus; e uma vez dentro da vida temos de a realizar amando.» (Pai Américo, livro *Pão dos Pobres*, 1.º volume).

Um abraço de todos nós para os Amigos da Conferência, e o nosso bem baixa.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Maria Germana e Augusto

Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

**ENCONTRO ANUAL** — No próximo dia 4 de Julho realizaremos na Casa do Gaiato do nosso encontro anual.

A comparação de todos os rapazes criados nesta Casa, será a maior alegria para os responsáveis desta Associação. Rever amigos, falar dos tempos idos, das tropelias, de nós, das nossas famílias..., do antes, do agora, com os dantes e os d'agora, enfim, conviver e trocar ideias, dar opiniões, são tudo o que desejamos.

É nossa intenção levar a bom porto e dar bom rumo à Associação. E, porque nossa, queremos a tua participação. Ela é

importante, tal como é importante a tua presença na celebração do aniversário da Casa onde foste criado. Não pelo edifício. Mas pela oportunidade que nos foi dada de termos uma família, de nos sentirmos acarinhados, de podermos vir a ser homens de pleno direito. Por isso, escrevo *Casa* com letra maiúscula.

Começaremos o dia com a Celebração Eucarística, seguida de alguns jogos divertidos. Depois, a refeição e o café. Da parte da tarde, o futebol, a piscina e a merenda.

Quem não tiver transporte deverá, como habitualmente, estar junto do nosso Lar pelas 9 horas. Confirma a tua presença pelos telefones habituais: (065) 232044/239594, o último só nas horas úteis.

Vem, participa e traz a tua família. A Festa é tua.

Fernando Pinto

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

**ANIVERSÁRIO DE PAI AMÉRICO** — Já lá vão alguns anos, depois de passarmos o testemunho da Associação ao nosso querido e saudoso Fernando

## ENCONTROS em Lisboa

## Revisões do dia-a-dia

**C**OSTUMO aproveitar as deslocações de carro para, com calma, fazer algumas revisões do dia-a-dia. Vinha do casamento do Russinho, um rapaz que há vários anos não está connosco mas que nos visita com alguma frequência dando conta do seu evoluir na vida e quis que fôssemos nós a presidir ao acto de constituição da sua família. Na minha cabeça o final do ano escolar e toda a inquietação sobre o futuro de alguns dos meus rapazes a quem a escola normal não responde. Que fazer? De repente, disse para comigo: — Já reparaste que não saboreias os momentos de alegria que a vida te proporciona? As alegrias existem, não existem só os problemas. Foi o que decidi fazer e aqui vai um resumo:

No dia 13 de Junho foi dia de Baptismos e primeira Comunhão. É dia de festa em nossa Casa a recordar a recomendação de Pai Américo: «A vida religiosa das nossas comunidades seja o centro. As grandes aflições dos Padres da Rua tenham aqui a sua origem:

vale mais a alma do que o corpo. Por ela, pela alma dos rapazes, sangrem os Padres até ao fim... O ensino da Doutrina cristã... Os sacramentos: pôr-lhes a mesa, chamá-los ao banquete e chorar se eles não quiserem vir. Chorar os nossos pecados». Ficam os nomes dos que foram baptizados e fizeram a primeira Comunhão, com o desejo de que a semente lançada nos seus corações cresça e se torne forte de modo a poder iluminar os caminhos das suas vidas e decisões importantes. Prepararam-se para a primeira Comunhão: Fábio, André Filipe, Filipe Emanuel, Hugo Ricardo, Jorge, Luís Filipe Correia, Luízinho, Mário Alberto, Paulo Augusto, Tiago Rodrigues, Tiago Guedes. Foram baptizados: Custódio, Filipe Brito, Ivo, Nelson Sousa, Marco José, Timóteo, Vítor Hugo. Fizeram o Baptismo e primeira Comunhão: Malan e o Uri.

Este ano tem-nos enchido de alegria com os casamentos realizados e a realizar: No dia 29 de Maio, o casamento do Fontes. Vivia connosco há dezasseis anos. No dia

20 de Junho, foi a vez do Luís Oliveira que viveu connosco vinte e cinco anos e teve a dita de estar presente, neste seu momento importante, a senhora que o recebeu com apenas seis meses, a D. Helena. Anuncia-se o casamento do Carlos Santana, em Setembro, e do Zeca Abílio em Outubro. O primeiro vive connosco há dezassete anos e o segundo há catorze anos. Todos eles foram aqui recebidos por Padre Luiz e a ele devem muito. Entretanto, passou por cá o Abílio Soeiro para convidar para o seu casamento, ainda sem data, a realizar nos Açores. Tudo isto são alegrias muito íntimas por que passamos e que temos alguma dificuldade em partilhar, talvez por uma certa modéstia, talvez porque temos tendência a olhar para o outro lado e vemos tantos a quem não pudes-

mos dar a mão. Estes são homens com a sua profissão, a sua casa, a sua família. Realizou-se a Obra: «Fazer de cada rapaz um homem». Alegrem-se connosco. Tudo isto se consegue graças ao apoio dos Amigos, não só material, mas também, estou certo, à sua oração. Podemos continuar. A seara é grande e muitos continuam a crescer.

Olhando para o ano escolar aqui ficam também alguns dados: Dois terminaram o 12.º ano e vão iniciar voos mais altos. Dois terminaram o 12.º ano com um curso profissional: um como técnico de transportes e outro como técnico de *offset*. Dois fizeram o 11.º ano. Um fez o curso de electricista, outro de cabeleireiro, dois de canalizador, um de carpinteiro, outro o curso para a GNR. Dois iniciaram o curso de electricista, três de mecânico de automóveis, um de bate-chapas, dois de telecomunicações, um de electrónica... Outros estão a crescer e com sonhos na cabeça... Outros ainda à espera de definições. Movimento não nos falta e vontade de acertar também não. Vamos para a frente. Que os espinhos não impeçam o nosso caminhar.

Padre Manuel Cristóvão

## Tribuna de Coimbra

**T**ERMINÁMOS as nossas Festas na cidade da Covilhã. Foram catorze representações, outros tantos palcos, em vilas e cidades da Zona Centro: Miranda do Corvo, Lousã, Mealhada, Cantanhede, Anadia, Arganil, Tomar, Coimbra, Febres, Mira, Figueira da Foz, Aveiro, Castelo Branco e Covilhã.

Uma pergunta me assomava ao espírito, no decorrer de cada uma delas: — Quem as faz?... Um cruzar de olhos nos olhos dos espectadores e artistas e aí estava a resposta. Há, em nossas Festas, uma realidade profunda que as torna apetecidas e acarinhadas: o Padre Américo e os Gaiatos. São nomes de sabor português, que expressam o nosso modo de ser de forma original. Sempre nos fica a grata impressão de que é o povo simples que o intui, até pela participação verificada em cada espectáculo. É uma Festa do povo. O segredo da sua maior beleza e êxito é o facto de ser ele a fazê-la. O povo revê a sua alma de bem-fazer nestes filhos e por alguns instantes adopta-os como seus. Daí as lágrimas fortuitas, os aplausos calorosos e o «ai, foi tudo tão lindo!...» Como se regressasse de uma romaria à Senhora do Almurtão.

São modos nossos de ser e estar na vida muito próprios. E se dos pobres se trata, ou são crianças, o «ai, coitadinhos» vem mesmo do coração e nem merece reparo. Que o saibam os «mestres encartolados». Em todas as Festas se falou deles: «Os mestres encartolados que fazem tudo difícil para segurar as cartolas...» Às vezes, somos também assim. E, em matéria de educação, andam por aí muitas cartolas.

As nossas Festas pelo que representam junto do povo simples, dos nossos Amigos, e pelo carácter educativo de que se revestem na própria educação dos rapazes, constituem um momento marcante da vida da nossa Casa. Agradecidos pelo carinho manifestado, nas terras por onde passámos, prometemos voltar no próximo ano e sempre.

Padre João



Risonho grupo da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

**Marques.** O Senhor quis que o Fernando fosse chamado para junto de Pai Américo. A Associação ficou mais pobre, pois este nosso irmão sentia com fervor e dedicação o desempenho de principal responsável pela união de todos os antigos gaiatos.

Não podemos ficar de braços cruzados, deixando que a nossa Associação desapareça. Se é que ainda sentimos algo de bom que a Obra da Rua nos deu, principalmente ao dar-nos uma família que a maioria não tinha, devemos unir as nossas forças e fazer da Associação um elo de ligação familiar.

No próximo dia 18 de Julho vamos comemorar mais um aniversário da ida de Pai Américo para o Céu. É bom que estejamos todos presentes em Paço de Sousa, para lhe demonstrarmos que não o esquecemos e continuamos a ser o nosso Pai Américo.

**PROGRAMA** — 9.30 h, concentração em Paço de Sousa. 10.00 h, Assembleia Geral dos sócios para eleição de uma nova Direcção e tratarmos de assuntos de interesse para a Associação. 12.00 h, Missa. 13.30 h, almoço. Tarde livre.

*Como nos anos anteriores, cada família deve levar o seu farnel.*

Carlos Gonçalves

## SETÚBAL

**NOVOS GAIATOS** — Continuam a chegar mais gaiatos para ficarem connosco. O mais novo é o Carlos, que tem sete anos; e o mais velho é o Hugo, com treze anos. Os outros são: o Daniel, o Luís Filipe (irmãos), o Bráulio, o Mário e o irmão Marco, entre os dez e os doze anos. Já andam, aqui, na escola.

Eles têm todos jeito para a bola! São mais sete bons amigos que a gente ganhou para o resto da vida.

Carlos Firmino

**NOVO TRACTOR** — Foi comprado um novo tractor. É vermelho e preto e tem muita força, com tracção nas quatro rodas. Mas também trabalha com tracção dupla.

Dá para lavar e puxa bem a grade grande de discos. Tam-

bém dá para levantar e levar reboques cheios.

Ele é de boa condução porque tem direcção assistida e os comandos mais perto do condutor.

Ao todo, temos três tractores grandes, um médio e um pequeno. No entanto, alguns já estão muito velhos e têm pouca força — só dão para fazer certos trabalhos.

Amândio

**PATINHOS** — As patas tiveram muitos patos pequeninos. Espalharam-se pela quinta e chocaram os ovos em vários esconderijos, à volta da Casa.

Ao todo são quarenta e seis patinhos. Eles são engraçados e a malta gosta muito de tratar deles, de os ver a mergulhar debaixo da água, de os pegar ao colo e fazer-lhes festinhas.

**COELHINHOS** — A coelha também teve filhos. São oito coelhinhos: três cinzentos, três castanhos e dois brancos, como a mãe.

São muito bonitos e já têm os olhos abertos, mas não dá para brincar com eles, nem para pegar ao colo. O pessoal cuida deles com muito cuidado porque podem morrer.

José Vinagre

**QUINTA** — Os pomares estão fresados e estamos a fazer as caldeiras para regar os pomares.

Também lavámos e gradámos os terrenos, pusemos adubo na terra, semeámos milho e também já deitámos química no deserto, nos dois terrenos ao pé das Águas e no terreno dos vimes.

Entretanto, também estamos a (trans)plantar tomate no terreno ao pé do pomar novo. Este ano é mais fácil porque temos a ajuda de uma máquina de plantar tomate.

Filipe André

## PAÇO DE SOUSA

**ESCOLA** — Graças a Deus chegámos ao fim do ano escolar, do Ensino Básico.

Estamos contentes! Para alguns já acabaram o ano. Mas, para outros não.

**VISITANTES** — No último domingo recebemos a excursão «Janota» — como acontece todos os anos.

A nossa Aldeia esteve completamente cheia, com a alegria de toda aquela gente.

**FÉRIAS** — Estamos quase a seguir para férias. Mas, os gaiatos mais velhos já estão a gozar férias em nossa casa na praia de Azurara.

**FRUTA** — As ameixoeiras estão com ameixas vermelhas e doces... Alguns dos rapazes não cumprem a tradição e começaram a comer o fruto das árvores.

**LAVOURA** — Foi cortada a erva dos campos para o gado e houve mais uma sementeira de milho em nossa quinta.

**GADO** — Nasceu outro vitelo. É muito bonito! Tam-

bém temos uma vaca nova para dar leite à comunidade.

**DESPORTO** — Não só a equipa dos grandes, como também a dos mais pequenos realizaram um jogo.

O treinador dos seniores é o Pedro «Chouriço». Infelizmente não temos um melhor do que ele. É o que se pôde arranjar. No entanto, procura fazer o que pode.

Luís Carlos F. Ângelo

**N. R.** — Na edição anterior publicámos a gravura dos que fizeram a primeira Comunhão, mas não demos os seus nomes de Baptismo. Aí estão: Teixeira, António Pedro, Cláudio «Fáfá», Fábio, Márcio, Marco Paulo.

## PENSAMENTO

Sirvo os Pobres nas cadeias, nos hospitais, nos tugúrios, nos caminhos — no Altar.

PAI AMÉRICO



É a Maria Alice, do Calvário.

# Calvário

Continuação da página 1

grado e hoje toma o nome de Inclusivo. Nomes bonitos para disfarçar realidade evidente.

As crianças com grau de capacidade intelectual muito baixo são diferentes. Socializá-las é, com certeza, o primeiro objectivo destas mudanças. Mas, inclui-las no meio das demais, só para isso, é pouco e até muitas vezes contra-producente.

As Instituições que se dedicavam especialmente a estas crianças tinham um papel relevante na valorização das suas capacidades, dando-lhes a oportunidade de se desenvolverem nas áreas em que elas são mais capazes, como sejam as laborais ou mesmo profissionais, acolhendo-as num meio sereno e propício.

Porque não impera o bom-senso e se volta ao ensino à medida de cada um?

Promova-se o Ensino Inclusivo para alguns menos incapazes, mas não para todos. As Associações continuam a ter um lugar importante na promoção dessas crianças com grandes dificuldades intelectuais. Deste modo não haverá por aí tanta reclamação de professores e pais com a inclusão indiscriminada de toda a gente na mesma escola.

No topo do ensino há diferenças: nem todos vão para a mesma Faculdade. Se há diferenças por cima, porque não admitir que as haja igualmente por baixo?

## Companheiros de Emaús

**Q**UANDO estas letras caírem nas mãos dos seus leitores, os Companheiros da primeira Comunidade de Emaús aqui no Norte estarão prestes, serão mesmo ocupados já no desbravar de terreno e instalações de uma bela propriedade há longos anos adormecida na vizinha freguesia de Parada de Todeia.

Até ao derradeiro momento foi um esforço enorme e um parto consumado em dor esta aquisição que certamente Deus abençoa, senão... não acabaria por torná-la possível. Foi esforço enorme e demorado para conseguir a quantia necessária ao avultado sinal da compra. Foi parto doloroso porque, em vias de ultrapassada esta dificuldade, surgiram interesses que quase desviaram para outrem a posse da quinta, não fora uma pequenina condição que veio arbitrar em favor dos Companheiros de Emaús. Uma pequenina, sublinhei — porque são sempre a partir de forças insignificantes aos olhos dos homens, as vitórias que Deus dá aos que lutam em Seu Nome. Foi sempre assim, e será, na História da Salvação.

Depois deste primeiro passo, quanto esforço e aflições não esperam os que o deram, até que esta casa e quintinha esteja remida dos cinquenta e oito mil contos que faltam!

Mas não havia alternativa. Esta primeira comunidade dos Companheiros de Emaús para principiar, teve de sujeitar-se a uma casa alugada, exígua de espaço e extensa de preço: duzentos contos mensais. Depois, porque os Companheiros vivem essencialmente do seu trabalho (recuperação de mobiliário e de utensílios tidos por inválidos) houve que alugar outro espaço onde guardar, reparar e vender esta matéria do seu sustento — e isso custava mais trezentos contos. Somavam, pois, os alugueres quinhentos contos, asfixiantes, que um mês esvai-se num sopro e ao longo dele há que comer...

Também o homem da rua não suporta uma total segregação da rua, ao menos numa fase de adaptação que o ajude a prender-se, ele mesmo, à estabilidade e ao gosto de ser autónomo e de sentir-se útil. Por isso, e pelo modo de subsistência das Comuni-

dades, a localização destas não pode ser longe da cidade. Quantas diligências foram feitas no grande Porto em busca de um lugar capaz para a Comunidade — espaçoso, arejado, pacífico, mas nunca um gueto! Daí, a paixão que logo agarrou a este lugar de Parada de Todeia os que se deram a este Movimento que o Abbé Pierre desencadeou em Paris, há cerca de meio século, e atingiu hoje uma imensidão de países — estes apaixonados que agora sofreram tais dores de parto e, com a força que Deus lhes dá, se dispõem a assumir as que estão para vir.

A situação desta propriedade é, na verdade, privilegiada. À beira da portagem de Parada-Baltar e pertinho do apeadeiro de Parada na linha do Douro, o Porto fica a minutos e não dá aos Companheiros de Emaús oportunidade para sentimentos de segregação. Também para a tarefa quotidiana de ir buscar o que lhes dão e para a venda do que vão recuperando com o seu trabalho, esta acessibilidade é muito vantajosa. Há terreno para os que têm inclinação para a agricultura. E depois, tudo em volta respira quietude e beleza!

É impossível que este ambiente não toque, não vá imprimindo de novidade o homem da rua. Aliás, os Companheiros desta primeira Comunidade vieram ver logo que a hipótese foi posta e confirmaram-na com o seu gosto.

Vão ficar aqui pertinho de nós, mas desde sempre o estiveram num ideal mais abrangente que não pudemos abraçar. Une-nos a mesma Fé e a mesma confiança que Pai Américo exprime assim: «Nas obras sociais a partir do Evangelho, o dinheiro é a última coisa a procurar». Pois se está escrito que «a primeira é a Justiça do Reino de Deus, que o resto virá por acréscimo»!...

Difícil é acreditar literalmente nesta Palavra. Estes nossos irmãos acreditam. Por isso o que fazem tem origem e garantia na Vontade de Deus que neles está. Por isso se lançam na aventura, tremendo na sua humanidade, todavia arrojadamente.

Fraternalmente e com todo o enlevo, os saudamos e ficamos alerta na vivência desta fraternidade.

Padre Carlos

## Uma Carta

### Coragem e frontalidade

«Sou uma anónima que estima e reza pela Casa do Gaiato.

Hoje, ao ler o jornal de que sou assinante, parei e encorajei-me a pegar numa caneta e a escrever. Só servos de Deus, com grande capacidade de amor desprendido de burocracias, institucionalismos, subsídios, etc., como é a Casa do Gaiato pode, como pôde o Padre Américo, saber criar, educar, integrar e fazer grandes homens. Falo assim porque todos os homens adultos que conheço e que foram amados na família da Casa do Gaiato, são homens-maridos, pais, colegas e profissionais impecáveis.

E tudo isto para os felicitar, quer pela coragem e pela frontalidade com que transcrevem as palavras que o sr. Magistrado lhe dirigiu falando da Casa do Gaiato. Provavelmente, o sr. Magistrado não sabe é o que é, como funciona, o que

transmite e os homens que forma a Casa do Gaiato. Mais: o que esse senhor não sabe, com certeza, é o que é capaz de atingir em termos de família a vossa Casa.

E saberá ele o que são chamadas famílias de acolhimento? Muitas delas como tratam os bebés? E as grandes instituições de crianças abandonadas à espera que a burocracia dos homens, os papéis, os senhores e senhoras doutoras escrevam despachos, requerimentos, relatórios para crianças que só queriam um colo, um calor humano, uma saída para o seu abandono, e a sua espera traumatizante, quase sempre.

Aquele sr. Magistrado, provavelmente sem filhos, esquece-se de que a sociedade civil não tem rosto, não tem coração e muito menos tem alma. Que é tudo o que a Casa do Gaiato tem. Talvez porque o Padre Américo ainda vela por cada criança, por cada Casa do Gaiato... Talvez porque o Padre Américo não precisou de doutoramentos superiores para saber ser família.

Que Deus vos ajude e ilumine a prosseguir a Obra da Rua.

Assinante 67382»

Já agora, se me é permitido avançar um nome, dê-se a cada um Ensino Adequado.

Este critério de igualização não terá a ver com medidas económicas restritivas? Ou será que o procurar desmantelar as Associações várias de Ensino Especial vem na sequência do princípio vigente de desinstitucionalização dos menores?

A razão da força dos decretos impera sobre a força da razão dos que trabalham há anos com estas crianças. A razão da força pode vencer mas não convence.

Padre Baptista

## DOCTRINA



Numa hora em que tudo se desmorona... a gente mete ombros a Obras gigantescas!

**N**O pretérito domingo, como aqui se anunciou, coube a sorte aos hóspedes do Buçaco de tomar conhecimento da Obra do Porto; e o mesmo se diz dos do Luso. Andei ali em roda viva, tocado por toda a gente, qual pão branco nas feiras: — *Olhe, venha daí almoçar*. E, no final da festa, ao apurar de contas, verificou-se uma quantia redonda de oito mil escudos. Amanhã devo pedir na Figueira da Foz; darei contas ao depois.

**N**AS ruas do Porto alguém entra numa loja e oferece uma tal caneca como nunca em minha vida possui; espero que não ma furtarem nem eu a perca. O mesmo cavalheiro, não contente, põe mais uma ceia de Leonardo da Vinci em grandiosa moldura para o refeitório da Casa do Gaiato. Isto veio realizar uma aspiração, mas ele há tantas! A mais urgente é aquela que aqui temos falado e vem a ser o aviso às mulheres laboriosas do Porto, que tomem a seu cuidado os agasalhos de Inverno para os garotos. Tamanhos dos seis aos dez anos; cores diferentes. Nós rejeitamos a triste sujeição do uniforme. O pequenino há-de mostrar o seu gosto; pode ser roupa deixada pelos seus filhos, brunida pela tua mão. Há mais piedade na oferta; mais gosto, mais economia e mais trabalho. Na esmola que fazemos, o que mais vale é, justamente, o trabalho e o sacrifício do dar.

(...) **I**STO já é muito; mas temos tido ofertas de maior significado. Quero-me referir a um sacerdote de verdes anos, que se apresenta para trabalhar sem discutir o que há-de comer amanhã nem de como há-de vestir. E mais idêntica oferta de uma senhora, há muito apaixonada pela sorte do garoto das ruas e que hoje se apresenta para o servir, tendo antes entregado as suas coisas aos Pobres para mais desembaraçadamente se dar. *Christus hodie!* Já somos três, pequenino rebanho que o Pai Celeste vai guardar.

**T**ODO o progresso que quiser ser verdadeiro tem de ser um regresso ao Evangelho. Nós queremos, na Casa do Gaiato, obreiros do Senhor e servos dos pequeninos. «Quem não semear coMigo, desperdiça.» Fica por isso mesmo o aviso, de que são inúteis todas as cartas que me mandam dos quatro ventos a pedir um emprego e a dar abonações. Não respondo.

**A**I quem me dera ter eu mesmo na emissora Rádio Renascença do Porto, no Porto, as regras desta notícia! Como eu havia de fazer pausa e gritar as Realidades eternas que o pobre e infeliz mundo não entende. Numa hora em que tudo se desmorona, qual ponte quebradiça e perigosa, a gente vai como um tiro de espingarda, sem hesitar nem temer, e mete ombros a Obras gigantescas! Necessito de nove mil contos e o Porto vai-mos dar. Assim o obriga a pavorosa grandeza da miséria infantil, mais a bondade de cada um dos seus habitantes.

*P. Américo*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)